

Mostra Científica da Farmácia

NOVAS HIPÓTESES FISIOPATOLÓGICAS DA DEPRESSÃO

Raquel de Oliveira Rabelo¹; Rôner Gama Ribeiro¹; Leonardo Freire Vasconcelos¹; Dax Ramyr e Silva Moreira¹; Edson Luiz de Oliveira²; Alyne Mara Rodrigues de Carvalho²

¹Discente do Curso de Farmácia do Centro Universitário Católica de Quixadá

²Docente do Curso de Farmácia do Centro Universitário Católica de Quixadá

Depressão é um conjunto de sintomas caracterizados por lentidão, baixa energia, desinteresse, dificuldade de concentração, apatia, pensamentos de cunho negativo dentre outros. E a mesma, ao lado da ansiedade, faz parte das patologias psíquicas mais frequentes encontradas na sociedade atual. A hipótese que há mais de 30 anos tenta explicar a fisiopatologia é a teoria das monoaminas, que propõe que a depressão é causada por níveis reduzidos em especial da serotonina e a noradrenalina. O objetivo do trabalho é buscar na literatura os novos achados sobre as bases biológicas da depressão. Trata-se de uma revisão bibliográfica baseada na literatura especializada através de consulta a artigos científicos selecionados através de busca no banco de dados do Scielo, Bireme, Pubmed e Google Acadêmico. Os artigos analisados totalizaram 21 estudos, publicados entre os anos de 2008 e 2015, dos quais 8 foram selecionados para compor os resultados. Foram utilizados os seguintes descritores: depressão, fisiopatologia, inflamação e monoaminas, assim como a associação da palavra depressão com outros descritores. Foram excluídos da pesquisa trabalhos de conclusão de curso, teses de doutorado e mestrado. A hipótese neurotrófica da depressão vem sendo bastante estudada nos últimos anos, no qual postula que o estado depressivo está relacionado à redução da neuroplasticidade e atrofia neuronal em áreas do cérebro relacionadas com o humor e a memória. O BDNF é uma neurotrofina imprescindível para o crescimento da célula neuronal e resultados mostraram que indivíduos com depressão apresentam redução dos níveis de BDNF, sendo um possível alvo terapêutico. Outra teoria que vem ganhando relevância é o estresse e o envolvimento do eixo hipotálamo-hipófise-adrenal (HHA) e sua relação com estruturas do sistema límbico (principalmente hipocampo e amígdala). O estresse humano pode colaborar para a patogênese da depressão, bem como influenciar na gravidade e na recorrência da doença. O eixo HHA é importante para a capacidade de o organismo responder ao estresse, e a estimulação do mesmo foi encontrada na patogênese da depressão, apresentando níveis elevados de cortisona e aumento da glândula pituitária. Em humanos, níveis aumentados de cortisol induzem uma atrofia hipocampal e tem sido implicado no déficit cognitivo observado nesses pacientes. A depressão também pode estar relacionada ao aumento de citocinas pró-inflamatórias, caracterizando uma resposta inflamatória, no qual é capaz de ativar o eixo HHA, bem como a capacidade de reduzir a disponibilidade de triptofano para a síntese de serotonina e da enzima que converte o triptofano em quinurenina e ácido quinolínico, sendo também uma substância agonista dos receptores NMDA. Pacientes com depressão apresentam um número elevado de citocinas pró-inflamatórias, leucócitos sanguíneos e redução de serotonina. Todas essas teorias não vieram para negar a hipótese monoaminérgica, mas para complementar o que já está estabelecido, facilitando ainda mais na compreensão da fisiopatologia da depressão.

Palavras-chave: Depressão. Monoaminas. Inflamação. BDNF.